

# MOVIMENTO ESTUDANTIL E ESPORTE



CADERNO DE DEBATES  
Volume 01 agosto/94



**Executiva Nacional de Estudantes  
de Educação Física**

**Coordenadoria de Ensino, Pesquisa e Extensão**

# Apresentação

**A** *ExNEEF, Gestão 93/94, preocupada com a produção do conhecimento e veiculação do mesmo, pretende com este caderno de debates, socializar o conhecimento adquirido até o momento na realização de alguns fóruns do Movimento Estudantil. Um desses, de grande importância, foi o III Seminário do Movimento Estudantil e Esporte que se realizou em Brasília no período de 29 de abril a 1º de maio deste ano, a partir do qual estes textos tiveram origem.*

*Os textos são de estudantes e professores que participam e atuam na política cotidiana da Educação Física e do Movimento Estudantil. Além desses textos, possui uma análise crítica do que foi o III Seminário de Esporte e Movimento Estudantil "Em busca de uma visão dialética", suas limitações, contribuições e algumas propostas para o IV Seminário.*

*Nossa preocupação, enquanto representantes de uma categoria estudantil, comprometida com a mesma, é levar um pouco dos nossos anseios, indignações... até o estudante, para que juntos possamos construir uma nova sociedade, mais justa, humana e dialética.*

*Saudações estudantis*

*Ari Lazzarotti Filho (Guego)*

*Coordenador de Ensino, Pesquisa e Extensão - ExNEEF*

# Sumário

*Apresentação*

*Sumário*

*MOVIMENTO ESTUDANTIL E ESPORTE: A POLÍTICA EXPRESSA COMO  
MEDIÇÃO* ..... 1

*Alexandre Fernandez Vaz*

*ESPORTE E IDEOLOGIA* ..... 5

*Marcelo Guina*

*ESPORTE ESCOLAR* ..... 10

*Elenor Kunz*

*ESPORTE E IDEOLOGIA* ..... 16

*Máuri de Carvalho*

*MOVIMENTO ESTUDANTIL E ESPORTE* ..... 18

*“EM BUSCA DE UMA VISÃO DIALÉTICA”*

*Marcelo Ribeiro de Castro*

*III SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE MOVIMENTO ESTUDANTIL E ESPORTE*

*“Em busca de uma visão dialética” (Análise Crítica)* ..... 23

*Educação Física - UFU*

# MOVIMENTO ESTUDANTIL E ESPORTE: A POLÍTICA EXPRESSA COMO MEDIAÇÃO

Alexandre Fernandez Vaz\*

A pergunta central que o tema do debate parece chamar, que aguça nossa reflexão, poderia ser expressa no sentido de se questionar qual o papel que o movimento social deve exercer na conjuntura atual, que nos coloca frente a tantos desafios, tantas inquietudes, em um país que vive (mais) um momento decisivo em sua história. Isso se torna mais inquietante na medida em que podemos considerar, exagerando um pouco, que no Brasil, onde a miséria cresce a olhos vistos, e onde cada vez mais é difícil ter utopias que nos aliviem do peso do contingencial, todos os momentos são decisivos.

Neste sentido, qual o papel que o Movimento Estudantil pode exercer frente às tensões que se colocam na ordem econômico-social capitalista, sobretudo em um momento que o socialismo parece ser “ideologia anacrônica” (para usar uma expressão cara aos oportunistas) e as políticas neo-liberais são pintadas com as cores da modernidade? Como contribuir com a ruptura em uma sociedade onde tudo parece girar em torno da manutenção da ordem institucional burguesa? Lembrando Walter Benjamin: “A Tradição dos oprimidos nos ensina que o estado de exceção em que vivemos é na verdade regra geral”.

Mais que tudo, como identificar qual a melhor tática, qual o método para intervir em uma conjuntura que está em constante transformação, e onde o próprio discurso sobre ela se constitui, de forma virulenta, em reprodução ideológica de dominação? Como enfrentar a acachapante força da Indústria Cultural, que para além da expropriação do trabalho, transforma esta atividade em servidão voluntária?

Creio que o primeiro passo seja ter sempre em mente um outro ensinamento do mesmo Walter Benjamin, que em 1940, afirmava que “a consciência de fazer explodir o *continuum* da história é própria às classes revolucionárias no momento da ação”. Quer dizer, é necessário que não percamos de vista o papel que nos cabe exercer, enquanto sujeitos da história, que é o da transformação das relações sociais. Por mais que o capitalismo tenha desenvolvido mecanismos internos que solidificam o seu funcionamento, controlando suas crises e aumentando as possibilidades de acumulação e reprodução, o conflito de classes, ainda que ele se coloque de outras formas, permanece. São as chamadas políticas sociais, que acabam desembocando no “Estado de bem estar social” tão a gosto da social-democracia-e aqui se incluem dois temas importantes para nós que são a educação e a ocupação do tempo livre; é o desemprego que se transforma em situação estrutural e não mais conjuntural; é a chamada, por David Harvey, “acumulação flexível do capital”. o fim do modelo fordista de produção e por aí em diante.

---

\* Mestrando em Educação na Universidade Federal de Santa Catarina

1- Texto elaborado para mesa de abertura do “III Seminário Nacional sobre Movimento Estudantil e Esporte” (29/04 a 1º/05/94). Conservando as características de circunstancialidade, o texto não traz muito rigor nas citações, nem preocupa-se em pormenorizar teoricamente os temas. A bibliografia expressa, apenas em caráter geral, as fontes utilizadas.

Desta forma, os ensinamentos de Lênin (este, bastante proscrito como “não moderno”) e Gramsci (este nem tanto), continuam apontando caminhos para a contemporaneidade; precisamos de “intelectuais orgânicos”, de direção e organização em nossas práticas. Esta organização passa pelos partidos políticos mas também pelas diversas organizações do movimento social, pela sociedade civil organizada, inclusive o movimento dos estudantes. Se a ditadura militar não é mais a personificação do capitalismo brasileiro “a serviço do imperialismo”, e Marcuse não é mais o ideólogo das lutas contra a repressão política e social, novos desafios se apresentam. Uma vez identificados, permitem que as lideranças não se restrinjam a repetir velhas fórmulas ou caiam no senso comum de se adaptarem à novas modas, mas elaborem questões fundamentais que desafiem a nossa capacidade de intervenção.

Neste quadro, podemos identificar alguns desafios que se colocam frente ao movimento estudantil da Educação Física, que na verdade não são excludentes em relação àqueles das outras entidades do movimento social como um todo, nem do movimento científico-pedagógico de superação crítica, que vários profissionais da Educação Física vem levando adiante nos últimos anos (movimento que teve uma de suas significativas manifestações iniciais no ENEEF/84).

O primeiro é a atuação fora das discussões específicas da Educação Física/Esporte, a participação na vida política na Universidade e na sociedade como um todo. O movimento não deve ter preocupação corporativa, ainda que tenha que estar liderando o debate interno dos estudantes, mas caminhar no sentido da permanente intervenção social, seja no apoio (ou não) às reivindicações das mais diversas categorias profissionais, seja na participação em movimentos pela cidadania, sempre procurando uma articulação funda com outras representações do movimento social.

Mas, como foi indicado, o movimento dos estudantes não pode deixar de levantar entre seus pares o debate interno, e esta questão passa necessariamente pela compreensão deste fenômeno cultural que nos é contemporâneo, que nos desafia a compreensão pelas múltiplas formas que apresenta na sua maneira de ser: o esporte moderno.

As esquerdas tem posições curiosas a respeito do esporte. Alguns mais desavisados pensam sempre no esporte apenas com atividade divertida para ser praticada ou assistida nos movimentos de tempo livre; outros, “mais esclarecidos” (alguns nem tanto) fazem a crítica pertinente ao esporte, destacando seu caráter de reprodução das relações sociais de dominação, a reificação que provoca no movimento corporal, e ainda o fato de ser expressão da racionalidade instrumental, entre outras questões. Há ainda os que fazem a defesa do esporte como expressão máxima do fazer humano, que o homem, uma vez livre da exploração do trabalho, poderia desejar com mostra do seu mais elevado aperfeiçoamento, pensamento típico do chamado “socialista real”. Para além das críticas superficiais que muitas vezes se fazem à orientações mais ortodoxas do ideário socialismo, o que pode ser destacado é que esta compreensão do esporte carece de uma leitura histórica menos determinista, uma vez que considera a história como a trajetória da tecnologia, o que faz da técnica um fetiche. Mais uma vez lembrando Benjamin, “Nunca houve um documento da cultura que não fosse também um documento da barbárie”.

Há um fenômeno que chama a atenção: no meio dos intelectuais de esquerda que lidam com as questões do esporte e da Educação Física parece haver um crônico afastamento do debate sobre organização interna (sobretudo política) do esporte em geral, e particularmente no Brasil. Para além da crítica ao esporte de rendimento como um todo, há questões específicas de sua dinâmica que chamam ao

enfrentamento. Quais os programas a serem desenvolvidos nas secretarias de esporte dos municípios com administração democrática e popular? Qual a posição que deve ser tomada quanto ao financiamento do esporte competitivo pelo Estado? Como deve se processar, programaticamente, a questão do tempo livre dos trabalhadores? Todas são questões que requerem maior empenho na interpretação teórica, ao mesmo tempo que exigem uma leitura das contradições do real que ultrapasse um certo discurso acadêmico, que ao mesmo tempo que faz crítica competente do esporte, não dá direção para que este se objetive concretamente, de outra forma hipostasiando o trabalho do pensamento, impossibilitando sua objetivação como “práxis”.

O movimento estudantil, além da necessidade de se posicionar também frente às questões gerais do esporte em nossa sociedade, tem que assumir para si os desafios que envolvem o esporte no âmbito da prática de seus pares - os estudantes que não fazem parte do movimento. Uma questão que se coloca como prioritária é a de estabelecer rapidamente no seio do movimento o debate do esporte Universitário (se o debate acontece é preciso que ele se alastre e alcance os estudantes como um todo). Já se sabe com qual intuito foram criadas as Associações Atléticas Acadêmicas (“AAA’s”) dentro das Universidades, que era o de aglutinar os estudantes em torno de atividades não politizadas, na medida em que suas entidades representativas (UNE, DCE’s, etc) sofriam rigorosa perseguição, sendo inclusive, muitas delas, impedidas de funcionar.

Algumas preocupações se colocam: 1) A relação entre o Movimento Estudantil e as Associações Atléticas Acadêmicas. Seria interessante que também lá, nas AAA’s, as forças progressistas ocupassem posições nas trincheiras para que o debate interno ao esporte Universitário fosse balizado pela crítica ao modelo de produção/reprodução das relações sociais, e que os estudantes que fazem parte das atividades (organizações de jogos e preparação de equipes de competições) também fossem chamados ao debate e a prática críticos. 2) Encaminhar, como meta, a extinção das AAA’s e sua incorporação definitiva aos DCE’s, seja como Coordenadoria de atividades físicas, seja articulada formalmente com a Coordenadoria de cultura. 3) A partir de uma nova composição de forças no meio do esporte e da Universidade, buscar inserção radical sobre os destinos do esporte universitário, tanto no que se refere aos Jogos (estaduais e nacionais) quanto à participação brasileira no esporte universitário internacional.

Permeando todo esse complexo, há o conjunto de recursos que sustentam as práticas esportivas que funcionam nos moldes tradicionais, que na maioria advindos dos cofres públicos, priorizam, na prática, uma determinada concepção de esporte/sociedade. E ainda há o agravante de que o esporte, via de regra, é uma prática desejada e apoiada pelos estudantes de Educação Física, de forma que se o Movimento não toma para si o debate a respeito dele, esquivando-se da questão, acaba afastando-se das bases.

Para concluir, a superação dialética desta ordem de coisas na relação entre movimento estudantil e esporte pode ser tangenciada em dois igualmente importantes pontos: Primeiro pela vontade política de realização, que uma vez objetivada em novas práticas, pode ajudar a criar condições necessárias para a concretização de uma outra relação entre humanidade e movimento corporal. Para isso é preciso não só dar conta das questões sociais como um todo, mas também fazer constantemente a mediação entre elas e a Educação Física/Esportes. O discurso do geral não pode impedir a concretização de mudanças no particular, não deve “esconder” os intelectuais atrás do biombo do saber estéril, que muitas vezes é no que se constitui a produção acadêmica. Em segundo lugar pela necessidade de encarar a história como

no que se constitui a produção acadêmica. Em segundo lugar pela necessidade de encarar a história como um livro em aberto, pronto para ser escrito por nós, na relação que travamos com o mundo e com os outros homens e mulheres, no tributo que pagamos às gerações que nos precederam.

No mais, como diz Gramsci, é ter o “o pessimismo da teoria e o otimismo da vontade”...

## Bibliografia

- BENJAMIN, W. (1985). Sobre o conceito de história. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura (obras escolhidas, vol. 1). Org. de S.P. Rouanet. São Paulo, Brasiliense, p.222-32
- CASTELLANI, F<sup>o</sup> L. (1988). Educação Física no Brasil: a história que não se conta. Campinas, Papirus
- CHAUÍ, M.S. (1994). De alienação, atrasos e intelectuais. Folha de São Paulo (Caderno mais!). São Paulo, Folha da Manhã. p.6.8/9.
- FREITAG, B. (1987) Política educacional e indústria cultural. São Paulo, Cortez e Editores associados.
- GRAMSCI, A. (1982). Os intelectuais e a organização da cultura. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- . (1992). Poder, política e partido. São Paulo, Brasiliense.
- HARVEY, D. (1993). Condições pós-moderna. São Paulo, Loyola.
- KANT, I. (s.d). Respostas à pergunta: que é iluminismo? In: A paz perpétua e outros opúsculos. Lisboa, Edições 70. p11-9.
- KUNZ, E. (1993). O esporte: ensino, crítica e transformação. Florianópolis, UFSC (trabalho apresentado em concurso para professor titular) (mimeo).
- LA BOÉTIE, E. (1986). Discurso da servidão voluntária. São Paulo, Brasiliense.
- LÊNIN, V.I. (1973). O que fazer? São Paulo, Huicitec.
- LOVISOLO, H. (1993) Educação Física como arte de mediação. Contexto e educação. n<sup>o</sup> 29, p.26-50.
- MARCUSE, H. (1969) O fim da utopia. Rio de Janeiro. Paz e terra.

# ESPORTE E IDEOLOGIA

**Marcelo Guina\***

É com dupla satisfação que participo desta mesa cujo tema é Esporte e Ideologia.

Primeiro pelo convite que me foi feito pela comissão organizadora do seminário e, em especial, pela Executiva Nacional de Estudantes de Educação Física (ExNEEF). Segundo porque, quando fui membro da ExNEEF, participei da organização daquele que poderíamos chamar de o primeiro Seminário sobre Movimento Estudantil e Esporte.

E, é nesta perspectiva que eu gostaria de abordar o tema, ou seja, falando sobre o trabalho até aqui desenvolvido pelo Movimento Estudantil (ME) na busca de uma visão dialética da sua relação com o esporte, e do próprio esporte enquanto fenômeno social.

Antes, porém, gostaria de estabelecer alguns pressupostos para balizar a minha reflexão.

Disse Marx que as “ idéias dominantes são as idéias da classe dominante”. Mas disto não resulta que as únicas idéias a circular na sociedade são as idéias dominantes. Tanto que existem duas, e só duas, ideologias! A ideologia burguesa (que é dominante), e a ideologia socialista. Por isto, tudo que seja afastar-se da ideologia socialista significa fortalecer a ideologia burguesa, que, por sua origem, é muito mais antiga que a ideologia socialista e conta com meios incomparavelmente mais numerosos para sua produção e veiculação na sociedade. Daí o alerta dado por Lenin: “Os homens sempre serão vítimas do engano do outro e do próprio, enquanto não perceberem por trás de todas as frases e promessas morais, religiosas, políticas e sociais, os interesses de uma ou outra classe”.

A nossa sociedade, por ser capitalista, tem duas classes fundamentais: a Burguesa e a Proletária. Portanto, a luta de classes, inerente ao modo de produção capitalista, atravessa toda nossa sociedade! Está presente, por exemplo, nas Universidades. Está presente também no ME; o ME, hegemonicamente é politizado no sentido de esquerda, mas nele também há posições políticas de direita, o que pode se dar por ingenuidade ou por esperteza, artimanha.

Com isto, podemos dizer que o esporte está atravessado pelas contradições próprias da nossa sociedade.

Assim, penso que o esporte não pode ser visto como um “Espelho” que meramente reflete, *ad eternum*, a ideologia capitalista.

---

\* Idealizador do I Seminário de Movimento Estudantil e Esportes; Mestrando em Educação Física na Universidade Federal de Santa Maria-RS.

O esporte por princípio, por essência, não é burguês! São as múltiplas determinações sociais que agem sobre o esporte, ou seja, é o enquadramento social do esporte, que lhe confere tal característica.

Mas, como não são apenas as idéias dominantes que circulam na sociedade; é possível, no âmbito da contra-ideologia, da resistência aos valores dominantes, exercitarmos outros princípios, outra moral, outra forma de convivência entre os seres humanos, que não as formas burguesas. Mas, vejam bem, isto no âmbito da contra-ideologia e da resistência aos valores dominantes, porque na sociedade capitalista os valores burgueses sempre serão hegemônicos.

Nós, inclusive, participamos destes valores, como o individualismo, o machismo e a competição, entre outros. Afinal, não é só porque fizemos opção pela ideologia socialista, que nós passamos a estar ilhados da totalidade sócio-cultural que nos circunda, enfim, não ficamos imunes à sociedade em que nos inserimos.

Mas, por outro lado, não aceitamos passivamente estes valores. Ao contrário, nos debatemos com estes valores, resistimos a estes valores, tanto que passamos a sonhar com outra sociedade, onde, aí sim, a Solidariedade e o Coletivismo possam ser hegemônicos em sua plenitude. E, isto só pode se dar numa comunidade, numa sociedade autenticamente humana, onde cada ser humano reconheça o outro como um verdadeiro irmão! E isto só pode se dar na Sociedade Comunista. Neste sentido, o socialismo é uma transição para o comunismo; é apenas um "primeiro passo", embora um grande passo histórico. E a única via para o socialismo é a Revolução.

Pois bem, se é possível e necessária a contra-ideologia, a resistência aos valores dominantes, que se faça quando possível, a contra-ideologia e a resistência aos valores dominantes também no tocante ao fenômeno esportivo. Confesso que fora da escola e de trabalhos em comunidades, não vejo perspectivas para que o professor de Educação Física realize tal tarefa.

Quanto ao ME de Educação Física (MEEF), este desde 1991, começa a dar os primeiros contornos, a dar maior sistematização a uma linha de atuação frente ao esporte que vai de encontro a esta perspectiva da resistência aos valores dominantes.

Em 1991, na Universidade de São Paulo (USP), o XII ENEEF (Encontro Nacional dos Estudantes de Educação Física) praticamente encerrou uma etapa do Movimento Estudantil da Educação Física (MEEF), pois chegou ao fim um modelo de ENEEF; nosso encontro nacional lá estava cada vez mais vazio, as mesas não aconteceram como estava previsto, algumas nem ocorreram, e os temas livres puderam ser realizados em uma única noite porque não passavam de 5 ou 6.

Mas, paradoxalmente, o MEEF saiu fortalecido do XII ENEEF. Após exaustivas discussões e vários CoNEEF's (Conselho Nacional de Entidades de Educação Física), na USP foi apresentada uma proposta de estatuto para reger a ExNEEF (Executiva Nacional dos Estudantes de Educação Física). Na plenária final, após debates e alterações, aprovou-se um estatuto e elegeu-se a ExNEEF. Na ocasião, eu lancei a proposta de um seminário sobre ME e Desporto a ser promovido pela ExNEEF, e que deveria constar do calendário oficial da ExNEEF, ou seja, todo ano, a ExNEEF eleita na plenária final do ENEEF, deveria assumir a responsabilidade de realizar o seminário.

Naquele mesmo ENEEF, a bancada do Rio de Janeiro (CAEF/UFRJ, CAEF/UERJ e DA/UGF) lançou a proposta de reformular o ENEEF, de reestruturá-lo. A nossa idéia era fazer com que o

ME rompesse com o estado “D’arte” em que se encontrava, e o ENEEF pudesse ser reconhecido como um dos eventos acadêmicos mais importantes da Educação Física, em nível por exemplo, do COMBRACE (Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte). Aliás, na ocasião, concorreremos com os colegas da PB, que retiraram sua candidatura porque reconhecerem a consistência da proposta do Rio de Janeiro. E porque sabiam da importância daquela reformulação do ENEEF.

Pois bem, em fevereiro de 1992 realizamos o Seminário “A UNE, Educação Física e Desporto: o que pensam os Estudantes de Educação Física?” Este seminário tinha dois objetivos principais: 1) que fossem tiradas um conjunto de teses sobre a questão da relação ME e esporte, esporte e sociedade e juventude e esporte, para que então o ME apresentasse ao Congresso da UNE (União Nacional dos Estudantes) um documento que tratasse especificamente desta questão do esporte, tendo em vista que a UNE tem um Departamento de Esportes e que, inegavelmente, a juventude, é por assim dizer, o grande “público alvo” do esporte; 2) Que essa discussão sobre o esporte e a cultura corporal em geral não ficasse restrita ao MEEF, porque se formos parar pra pensar, todo DCE, CA ou Da, e até sindicatos tem seu secretário de esportes. Mas a partir de que referenciais atua a Secretaria de Esportes nestas entidades? Muitos argumentam que tais cargos são ocupados por estudantes de Educação Física. Acontece que por vezes não são, e mesmo que fossem, qual é a política que o MEEF produz e socializa no ME geral, para servir como uma referência para estas secretarias? Como se vê, esta é uma lacuna a ser preenchida pelo ME.

Desta forma, a principal motivação da ExNEEF para realizar o seminário foi a nossa preocupação de, além de participar do ME geral enquanto movimento social, saber direcionar para este geral, questões específicas do nosso movimento de área.

Isto porque íamos para o Congresso da UNE e debatíamos questões mais gerais que estavam colocadas, como conjuntura nacional e internacional, a luta das escolas públicas contra a privatização e das pagas contra os aumentos abusivos (e quase sempre ilegais) das mensalidades, mas não debatíamos questões relativas à cultura corporal, ao esporte, mesmo com a UNE tendo um Departamento de Esportes.

Então começou a ganhar força no MEEF uma tendência para conciliar o geral e o específico. Isto é, atuarmos enquanto movimento social, mas sem perder de vista a nossa característica enquanto movimento de área.

E, assim, o MEEF começou a se situar dentro de um movimento que vem acompanhando a produção da Educação Física desde os anos 80, e que visa construir sua identidade em relação ao próprio sistema esportivo, a medicina, a educação, entre outros sistemas e disciplinas.

O I Seminário, no Rio de Janeiro, aconteceu com gravíssimas falhas de organização, e só uma delegação compareceu (UFU), além de alguns militantes da ExNEEF e de outras escolas de Educação Física. Mas pode-se dizer que a semente foi lançada.

Ainda no ano de 92 ocorreu o XIII ENEEF e o objetivo foi alcançado quanto a reformulação do encontro, o que acarretou um conseqüente reconhecimento deste pela comunidade acadêmica da Educação Física, o que nos valeu inclusive o convite da Sociedade Brasileira para o desenvolvimento da Educação Física. (SBDEF), a qual abriu espaço em seu livro do ano 1992 para que o ENEEF ficasse

registrado ao lado de outros eventos científicos de importância para a Educação Física, como, Por exemplo o III Congresso de Educação Física de Países de Língua Portuguesa.

Em 1992, o Congresso da União Nacional dos Estudantes (CongUNE) foi no Rio de Janeiro, e a ExNEEF já tinha a perspectiva de atuar organizadamente no congresso, inclusive já pensávamos em lançar um manifesto.

Mas, ocorre que o CongUNE foi as vésperas do ENEEF, e como havia um grande número de escolas de Educação Física novas no ME, com as quais ainda não tínhamos feito contato, priorizamos divulgar o ENEEF e falar da ExNEEF que apenas iniciava sua estruturação, dando os seus primeiros passos.

Em 1993 acontece o XIV ENEEF em Goiânia (GO), e não só o nível do encontro do Rio de Janeiro é mantido, mas em alguns casos é até superado. Por exemplo, no Rio foram cerca de 45 temas livres e em Goiás 60; no Rio chegamos a 950 inscritos e em Goiás passamos de 1000 inscrições.

Porém, antes do XIV ENEEF, ocorreu o III CoNEEF em Volta Redonda-RJ, e paralelo a este aconteceria o II Seminário sobre Movimento Estudantil e Esporte que acabou não se realizando; contudo, já se sabia que a idéia, a intenção do seminário veio para ficar.

E, nesse CoNEEF, eu já não era mais membro da ExNEEF, mas lancei a proposta de finalmente escrevermos o manifesto sobre a cultura corporal e o levamos para o CongUNE, concretizando uma idéia que já vinha amadurecendo no ME de Educação Física.

A Gestão da Executiva 92/93 já se encontrava mais estruturada do que a gestão 91/92, e isto possibilitou que finalmente o manifesto fosse produzido.

No manifesto, intitulado "Departamento de Esportes da UNE: Cultura Corporal ou Cultura Mutilada?", ficou clara uma posição do ME de resistência ao esporte que hoje está colocado pela classe dominante. No início do manifesto Lê-se que:

Já de algum tempo que se iniciou no ME de Educação Física uma discussão relativa ao *status quo* do Departamento de Esportes da UNE. Pensamos que este departamento não tem sido encarado como parte da estratégia de ação política da UNE. Sua capacidade para atuar política e culturalmente deve-se ao fato de que há no ME uma prática de defesa da Democratização da Cultura que tem EXCLUÍDO uma importante dimensão desta: a Cultura Corporal.

E mais adiante lê-se:

Um JUB's mais democrático, a rediscussão da Educação Física no 3º Grau, uma política de cultura corporal que esteja integrada na luta pela democratização da cultura, são alguns pontos a se observar pois, hoje, poucos fenômenos sociais, como o esporte, gozam de espaço tão privilegiado na sociedade e basta tomar como exemplo a mídia (rádios, TV's, jornais, etc).

Isto ocorre em função do capitalismo ter encontrado no esporte um produto altamente rentável. A indústria de macrobióticos e roupas esportivas são dois exemplos de como o Capital usa o desporto para impor seus valores e costumes à juventude.

O Departamento de Esporte da UNE deve tornar-se um veículo a mais de interlocução na sociedade civil, isto é, não a produtora da mais refinada política pública para a cultura corporal no Brasil, porém uma organização a mais para aglutinar aqueles setores que pensam o fenômeno esportivo administrativa, científica e profissionalmente, visando encontrar caminhos que nos levem à uma prática no campo da cultura corporal onde o jovem tenha direito a vivenciar de forma plena sua tão explorada motricidade, onde o prazer do jogo e não a obrigação da vitória, a promoção da cidadania e não a medalha olímpica, sejam o “norte” que acumule no sentido de um novo grupo de valores e princípios para o esporte.

O esporte pode ser elemento para a conquista de cada vez mais jovens no sentido de que se estabeleça outras forma de relação deste jovem com seu corpo, sua sexualidade, sua psique, sua visão de mundo.

Então, no 43º CongUNE, finalmente o MEEF articulou-se para atuar politicamente, lançando o manifesto e fazendo, inclusive, uma intervenção na plenária.

Tudo isto, resultou em alguns avanços significativos para o ME geral e para o MEEF em particular:

- 1) Ficou aprovado que a ExNEEF assessoraria o Departamento de Esportes da UNE.
- 2) Que a UNE encaminharia juntamente com a ExNEEF um Seminário sobre Movimento Estudantil e Desporto.
- 3) Que no III Festival de Arte e Cultura da UNE estaria reservado um espaço para a apresentação de temáticas relativas a Cultura Corporal, sob responsabilidade da ExNEEF

Para encerrar, pode-se concluir que:

- 1) Desde 1991 o MEEF vem num crescente no que diz respeito a sua organização e atuação da ExNEEF
- 2) Isto se reflete na qualidade dos dois últimos ENEEF's (Rio de Janeiro e Goiás), e agora na Paraíba, tudo indica que a tendência é elevarmos ainda mais o nível do nosso encontro nacional.
- 3) E, por fim, o seminário que ora realizamos está acompanhando esse movimento de crescimento do MEEF. A infra-estrutura, as condições que estão colocadas para este seminário, o apoio recebido de entidades do movimento popular; e mesmo que muita coisa não tenha se concretizado aqui em Brasília, este Seminário apresentou condições que são infinitamente superiores às condições que estavam colocadas para os dois primeiros seminários.

Na minha opinião, isto se deve ao fato de que o MEEF está amadurecendo na sua capacidade política, e portanto, as dificuldades por ventura encontradas aqui em Brasília, não devem nos fazer desanimar, pois se, por um lado, ainda não estamos no ponto desejado, por outro, estamos no caminho certo.

Estas eram as reflexões que gostaria de trazer ao Seminário. Obrigado.

# ESPORTE ESCOLAR

**Elenor Kunz\***

Tentarei abordar este tema com bastante cuidado, especialmente em relação às incontornáveis abordagens críticas que se faz necessário fazer sobre o esporte, e principalmente o esporte na Escola.

Como professor de Educação Física trabalhando por mais de 10 anos em escolas públicas e privadas, concentrei-me em transmitir, acima de tudo e da melhor forma possível, o Esporte. E dentro do esporte dediquei sempre mais atenção à apenas uma modalidade, o Atletismo. Dedicava-me à esta modalidade, enquanto técnico e, neste sentido, posso dizer, obtive um relativo sucesso, com aqueles que se dedicavam ao treino conforme minhas exigências.

No cumprimento da profissão, no corre-corre de muitas vezes atender até a três escolas, inúmeras aulas e treinamentos, não havia tempo para estudo ou reflexão sobre o papel pedagógico-educacional desempenhado enquanto professor/técnico. Os estudos realizados até ao mestrado, inclusive, se concentraram sobre o problema e os problemas do treinamento esportivo, especialmente a iniciação esportiva a partir da Educação Física Escolar.

A preocupação, no entanto, sobre o problema pedagógico do esporte na escola ou o esporte da escola, especialmente no que diz respeito ao treinamento de equipes esportivas, aconteceu, na verdade, através de inúmeras discussões realizadas com colegas do mestrado em Santa Maria no período de 1982 a 1983. Colegas como Valter Bracht, que hoje se destaca em todo o país por suas posições teórico-científicas em relação ao esporte e à Educação Física. Mas, mais importante ainda, para o despertar desta preocupação foram, certamente, as idéias pedagógicas trazidas e discutidas conosco neste mesmo período do mestrado, do professor visitante alemão Jürgen Dieckert. Questionávamos intensamente neste período o valor pedagógico do esporte, no modelo do esporte de rendimento, para a condição humana e especialmente para a juventude escolar. Destas discussões e preocupações, porém, restaram inúmeras dúvidas em relação ao problema do esporte escolar, ou seja: Educação Física é lugar para treinamento esportivo, ou mais especificamente ainda, é lugar para a prática dos esportes de competição?

Foi, realmente, no meu estudo no exterior que pude analisar melhor o problema pedagógico da Educação Física Brasileira, relacionando-a aos problemas mais amplos da Educação Brasileira e utilizando-me de referenciais teóricos da educação, especialmente de um educador brasileiro que, na época, talvez fosse mais conhecido no país onde me encontrava, do que no Brasil: Paulo Freire.

Através deste estudo, (doutorado) então, lanço uma idéia de Mudança na Educação Física Brasileira, onde discuto especialmente o tema do esporte e das possibilidades de sua transformação

---

\* Professor Titular da Universidade Federal de Santa Catarina, membro do Núcleo de Estudos Pedagógicos-UFSC

(e não eliminação) com finalidade pedagógica. Nesta transformação do esporte trabalho até hoje e procuro desenvolver uma nova concepção do esporte para a prática do mesmo na Escola. Este processo denominei de “Transformação didática do esporte”.

Princípio básico para esta transformação, formulei em forma de TESE e que passarei a esclarecer e justificar, na medida do possível, neste espaço:

**“É uma irresponsabilidade pedagógica trabalhar o esporte na escola que tem por consequências provocar vivências de sucesso para uma minoria e vivência de insucesso ou de fracasso para a maioria.”**

Antes porém, de entrar melhor na discussão desta Tese e relacionar o problema do esporte com outros problemas da chamada “modernidade”, ou seja, nossa evolução e progresso técnico-científico em setores sociais mais influentes de uma ideologia capitalista, busco apresentar uma idéia geral, em forma de “tipos ideais” (isto significa: não reflete a realidade do dia-a-dia), das possibilidades conceptuais, como a Educação Física em geral e o esporte em particular podem ser trabalhados na Escola.

Considero quatro concepções básicas em que a Educação Física pode ser trabalhada nas escolas cada uma com suas diferentes concepções de Homem/Criança e com isto de Corpo e Movimento e, concepção de Sociedade/Mundo e assim, também, diferentes entendimentos em relação à cultura e aqui, em especial à cultura do Movimento.

A PRIMEIRA CONCEPÇÃO poderíamos chamar, concordando com o autor Holandes Bart CRUM (1992), de concepção BIOLÓGICO-FUNCIONAL, que prioriza essencialmente a Atividade Física. A Educação Física tem como função o condicionamento físico dos alunos. Prescreve-se, assim, exercícios físicos, inclusive o esporte, de uma forma sistemática, metódica e diferenciada para diferentes grupos de acordo com a idade e o sexo. O interesse dos profissionais que adotam esta concepção é a transmissão da quantidade e da qualidade de exercícios físicos, num nível ótimo para cada idade e sexo, para a promoção da saúde dos indivíduos atingidos.

A SEGUNDA CONCEPÇÃO poderíamos chamar de FORMATIVO-RECREATIVA, onde a Educação Física tenta cumprir a função de contribuir na formação da personalidade e de habilidades motoras gerais dos alunos, para uma melhor adaptação às exigências sociais e de conseguir organizar ludicamente seu tempo livre. O interesse é desenvolver atividades coletivas, especialmente em forma de jogo, evitando a competição e priorizando o prazer de jogar ou de brincar.

A TERCEIRA CONCEPÇÃO, que é sem dúvida a concepção hegemônica atualmente no contexto escolar, poderíamos denominar de TÉCNICO-ESPORTIVA, e busca contribuir com o sistema esportivo no sentido mais geral da descoberta e do fomento ao talento esportivo, através da introdução e adaptação de todos à cultura esportiva. O interesse é claramente orientado no rendimento esportivo nos padrões do esporte de alto rendimento.

A QUARTA CONCEPÇÃO é a concepção à qual procuro me vincular e que denomino CRÍTICO-EMANCIPATÓRIA, onde deve ser buscado, basicamente através de atividades do movimento, o desenvolvimento de certas competências, como a da autonomia, da competência social e da competência objetiva, ou seja, instrumentalização específica de cada disciplina. É por intermédio desta competência objetiva (praticamente a única objetivada nas outras concepções) que se valoriza, também

a condição física, o esporte, as atividades do lazer, da aprendizagem motora, da dança, etc... Mas, estas, enquanto conteúdo específico da disciplina, só adquirem valor pedagógico se possibilitarem o desenvolvimento das outras competências: da autonomia e da competência social. O interesse aqui é a formação de pessoas críticas e emancipadas.

## A IMPORTÂNCIA DA “TRANSFORMAÇÃO DIDÁTICA DO ESPORTE”

Para trabalhar o esporte nesta última concepção descrita, é necessário desenvolver uma transformação didática do mesmo, simplesmente para não produzir vivências de insucesso ou de fracasso na maioria dos alunos na tentativa de se adaptar as altas exigências do esporte de competição, como é conhecido atualmente.

A Educação Física não deve existir apenas para transmitir e ensinar os esportes, mesmo na forma transformada, para os alunos, mas, é difícil de imaginar, atualmente, uma sociedade sem esporte. Nas sociedades mais desenvolvidas ele acompanha o ritmo de desenvolvimento destas, tanto no sentido técnico-industrial com a construção de locais e instrumentos, a confecções de vestuários sofisticados para o praticante, como no aprimoramento técnico-científico dos próprios resultados esportivos.

Este ritmo de desenvolvimento é acompanhado das modernas técnicas de comercialização das produções industriais. E o esporte torna-se uma mercadoria das mais valorizadas em todo mundo, neste sentido. Isto pode ser facilmente constatado pelo espaço que o mesmo ocupa nos veículos de comunicação pública: jornais, rádios e especialmente, televisão.

Para os Países do terceiro mundo e os chamados países em desenvolvimento, atualmente existentes no mundo, o esporte que me refiro, é na verdade um “produto importado”. E como na maioria dos produtos importados de grande importância (veja por ex. Volkswagen, coca-cola), para se dar garantias aos consumidores de um produto constantemente ofertado, procura-se desenvolver um processo de reprodução fiel deste produto nos próprios locais de maior consumo. Assim, junto com a vinda de especialistas do assunto para ensinar os nativos a reproduzir a importante “mercadoria”, acompanham os materiais tecnológicos para a construção de locais apropriados na “fabricação” do “produto”, os instrumentos para a avaliação da qualidade do “produto” e (entre outros) os produtos que dão acabamento perfeito à mercadoria (adidas, puma, nike, etc.) para não ser confundida com produções nativas.

Procurando desta forma fazer um paralelo, com esporte e outros produtos importados e reproduzidos nos Países do terceiro mundo, há de se destacar, também, que é justamente esta mercadoria, o esporte, que consegue uma melhor, mais rápida e eficiente influência no comportamento do consumidor. Naturalmente um comportamento favorável ao seu consumo irrestrito. E, papel decisivo nesta mudança de conduta do consumidor foi e é exercido, indubitavelmente, pelos meios de comunicação de massa e pelos professores de Educação física com a cópia irrefletida do esporte espetáculo para o interior da escola.

Os meios de comunicação, especialmente a televisão, conseguem com o apoio dos especialistas do “produto-esporte”, formar desejos, preferências e interesses na população, especialmente a população jovem, de tal forma, que este produto passa a ser admitido com um “*status* quase que ontológico” entre

os mesmos, ou seja, evidente e inquestionável. E interessante destacar ainda, que os especialistas do “produto-esporte”, responsáveis pela sua reprodução técnica e diretamente responsáveis pelo sucesso deste “produto” nos meios de comunicação, não se restringem mais em atuar apenas nos centros de excelência (centros de treinamento/clubes) onde este produto é “comercialmente” produzido, mas se espalham cada vez mais em inúmeras instituições públicas, inclusive, como vimos, na escola.

Neste processo de desenvolvimento do esporte nos Países do terceiro mundo a partir dos Países industrializados, pode-se notar, também, o crescimento do interesse na população em “consumir” este tipo de “produto” apenas pela importância mundial do mesmo. Mas, infelizmente, este “consumo”, se vincula muito mais, e cada vez mais, a um consumo passivo, de ver e assistir a espetáculos esportivos ou de vestir camisetas de equipes americanas de basquete ou da seleção alemã de futebol, e cada vez menos em praticar o mesmo. Mais uma vez deve se destacar neste fenômeno, o papel dos veículos de comunicação de massa, e por que não dizer, do professor de Educação Física, pelos motivos anteriormente mencionados, ou seja, quanto mais pessoas passarem pela experiência das vivências de insucesso, mais aumenta o contingente de pessoas que preferem apenas assistir aos espetáculos esportivos que a televisão oferece de uma forma tão variada e frequente. Isto produz uma população de jovens interessados e entendidos no mundo dos esportes enquanto consumidores passivos, meros torcedores. Torcedores ou fãs de clubes, ídolos ou heróis esportivos. E neste sentido cabe destacar até mesmo um fator positivo em relação ao nosso País, pois exceptuando-se os heróis esportivos no país, sobraria que heróis nacionais para nossa juventude se orgulhar? Os do crime organizado ou dos corruptos da nossa cúpula política?

Tentei, assim, apontar alguns aspectos que mostram que não é possível mais pensar uma sociedade (escola?) sem o esporte (também não sem a Volkswagen ou coca-cola). A população em geral, e especialmente a população jovem, não vive sem ele. Isto deixa claro as dificuldades e os cuidados com uma “transformação didática do esporte” com finalidade pedagógica, especialmente, quando outras áreas da cultura do movimento de tradição nacional ou regional, que poderiam servir de elementos introdutórios a esta transformação, já foram eliminados ou colonizados pela cultura esportiva.

## **O ESPORTE E A CULTURA TRADICIONAL QUE SE MANIFESTA PELO MOVIMENTO**

O esporte de alto rendimento se caracteriza hoje pela ambição ao rendimento sem limites. Isto tem trazido sérios problemas, não apenas aos atletas que treinam para chegar a rendimentos cada vez melhores, mas ao próprio esporte, na medida em que o sistema exige a submissão cada vez mais precocemente dos que querem alcançar o mais elevado nível. E como se isto não bastasse, ainda precisam lançar mão de meios auxiliares para render cada vez mais.

Sobre este uso de meios auxiliares, o COI apresenta uma lista de substâncias que os atletas não podem usar para melhorar seus rendimentos, mas a medicina esportiva atual sabe perfeitamente que existem inúmeras possibilidades de “quinicamente”, auxiliar na produção de resultados esportivos cada vez melhores sem cair nas malhas dos exames anti-doping patrocinados pelo COI.

Considero o Doping e a especialização precoce como problemas cruciais para se analisar criticamente o desenvolvimento do esporte como fenômeno universal. Mas, além deste, que de certa forma podem ser considerados como problemas imanentes ao esporte de alto rendimento hoje, existem ainda

os problemas que surgem como consequência das tentativas de desenvolver a todo custo o esporte de rendimento, e apenas ele.

Este esporte tem influenciado a prática de movimentos e jogos, não apenas naquelas instâncias sociais onde é reproduzido sob comando de um técnico ou professor de Educação Física, mas inclusive em locais onde não é treinado e nem controlado externamente. Isto vem acontecendo, exatamente pela influência que têm os meios de comunicação, já mencionados anteriormente, mas também, por causa da padronização de locais para a prática de atividades de movimentos e jogos, orientados para a prática dos esportes tradicionais e mais conhecidos do leque olímpico, como voleibol, basquete, futebol, atletismo, etc.. Esta padronização dos locais para a prática de movimentos e jogos se torna cada vez mais intensa no meio urbano, e é agravada pela criação de escolinhas esportivas para a aprendizagem “correta” e precoce do esporte de rendimento.

Tomando o esporte desta forma como modelo para o mundo de movimentos da população jovem, fazendo parte importante do processo civilizatório que os países do terceiro mundo se lançaram sem medir esforços para conseguir imitar o primeiro mundo, é necessário considerar também, os resultados negativos deste “avanço”.

Pretendo aqui apresentar ainda, rapidamente, apenas, mais dois problemas graves que resultam do esporte de rendimento e que de certa forma, influenciam a prática da Educação Física. Inicialmente gostaria de mencionar, o grave problema da perda de “liberdade e sensibilidade”, para quem se submete a um exacerbado programa de treinamento para alcançar ilimitados ganhos de rendimentos. Para isto, o atleta precisa eliminar-se enquanto sujeito com poder de decisão e capacidades sensitivas para se entregar como objeto a disposição do sistema desportivo para ser “manipulado” à vontade na busca de sempre melhores resultados.

Mas o problema que gostaria de abordar melhor, é a influência do esporte nos moldes do sistema esportivo de rendimento, sobre a gradativa eliminação de culturas do movimento tradicionais a nível nacional e regional. Refiro-me à riqueza cultural do Brasil de norte a sul e que se expressa por habilidades motoras típicas, como as inúmeras danças, brincadeiras e jogos do folclore popular brasileiro e cujo espaço para sua prática está cada vez mais sendo tomado pelo esporte tradicional.

Tentei mostrar que não é mais possível pensar na eliminação nem mesmo na redução da prática dos esporte de rendimento entre nós, mas se faz urgentemente necessário que no âmbito Escolar, na Educação Física Escolar, se desenvolvam projetos onde o tema Esporte possa ser trabalhada com outras dimensões e principalmente com outras funções, capazes de contribuir na educação de pessoas críticas e emancipadas. É preciso que nas escolas os alunos, muito antes de aprender a praticar o esporte, obtenham a condição de compreender o esporte. Compreender o esporte neste sentido, significa, entre outros, o ser capaz de entender relações sociais que influenciam toda uma prática esportiva, por exemplo o processo de mercadorização do esporte. Compreender o esporte deve significar, também, ser capaz de questionar o Sentido do mesmo e por este intermédio poder avaliá-lo. Por exemplo, se a proposta de jogar basquetebol com apenas 5 jogadores para cada equipe, tem ou não tem sentido para o grupo. Evidentemente que para possibilitar esta competência de compreender o esporte na sua dimensão mais ampla e crítica, são necessários alguns conhecimentos que não são possíveis de serem adquiridos pela simples prática. Isto muda totalmente o conceito de ensino dos esportes, e evidentemente, inicialmente,

tanto professores como alunos terão dificuldades, mas é necessário de uma vez por todas legitimar a Educação Física como prática pedagógica com qualidade educacional e, portanto, necessária na formação do jovem pela escola.

Assim, compreender o esporte não significa apenas discursar sobre a ilusão que é o esporte tradicional, enquanto representante máximo da ideologia burguesa ou como mercadoria de exploração capitalista e com isto, não atendendo interesses e reais preferências da maioria da população; é necessário, principalmente, mostrar alternativas possíveis para substituí-lo, e formas de transformá-lo didaticamente para atender ao compromisso educacional, e não , apenas às exigências esportivas.

# ESPORTE E IDEOLOGIA

Máuri de Carvalho\*

A análise que faço hoje do Esporte, enquanto mecanismo de introjeção de valores, teorias e idéias, portanto, da ideologia modal neste país - ausente de homens -, me remete ao questionamento de que, sob os marcos do capitalismo, pensá-lo como vetor progressista norteado para a transformação do *socius* e para a geração de consciências críticas da totalidade, portanto, revolucionárias, à partir do clima reacionário sob o qual a sociedade brasileira vive, é ser estúpido, inconsequente, oportunista.

Ora, por mais que se cante loas ao papel, quimérico, do Esporte como alavanca da construção da consciência crítica, não é possível negar, a não ser pela mórbida especulação que vaza os intelectuais ditos progressistas - isto porque os conhecidos reacionários já morreram e não sabem -, que pelo Esporte, também, se difunde um conjunto de idéias que sustentam o sentido da vida... burguesa: o consumo conspícuo realizado por "uns" (-10%) e desejado-inalcançável por outros (+80%).

As idéias dominante, a rigor, se sustentam pela inversão do real: crenças e mitos - "o mundo é assim, sempre foi assim!" - cabe ao operário uma sábia resignação" ou "uma ação inteligente" - servil voltada para melhorar sua escravidão, mas nunca para libertá-lo das correntes ou dos grilhões com os quais está preso ao carro fúnebre do capital (inteligente é usado como sinonímia de servil, submisso, capacho, pelego).

É preciso compreender, de uma vez por todas, que a escola, por exemplo, enquanto processo transmissor, é um meio de imposição de determinada ideologia e de uma determinada concepção de mundo. Até porque, a educação envolve e integra o indivíduo, desde a infância-consciente no *modus* cognoscente dominante, consolidando no íntimo da sua subjetividade hábitos e atitudes absolutamente erráticas e danosas ao seu crescimento e desenvolvimento harmônico e livre do azinhavre do autoritarismo atávico que aprisionou a sociedade brasileira.

A meu juízo, hoje mais do que antes, é preciso utilizar o Esporte como apacentador das massas que podem enfurecer-se, que podem perceber a impossibilidade de, sob os marcos estreitos e perversos do Capitalismo, resolver suas angústias que são individuais, existenciais, mas que foram produzidas, concretamente, pela inadequação das relações de produção e sociais radicantes na expropriação do "ser" em direção ao "ter".

Neste sentido, o Esporte foi e continua sendo o "Ópio da Miséria" que tanto mal tem feito aos movimentos singulares do operariado que poderiam ser desviados para a execução definitiva da burguesia. É preciso, assim, plantar no imaginário social proletário concepções de mundo, de organização e de movimentos sociais, puntiformes e surreais de tal monta a confusioná-lo, fazendo-o perder o rumo histórico das lutas sociais, e como um "zumbi", um sonambúlico, pervagar o imaginário que não é seu mas aquele que a burguesia quer que ele pense ser seu.

---

\* Professor Assistente do CEFD-UFES

Parafrazeando ROUSSEAU, eu diria que sob esta ótica o proletariado corre para a sua prisão pensando estar em liberdade. Isto significa que um proletariado bem manipulado pensa que é livre, e o preço da sua liberdade é a heteronomia introjetada (GRAMSCI).

Neste espaço imiscui-se a esquerdinha progressista - reformista é o termo correto, que propõe mudar o *socius* e não transformá-lo, isto porque, a rigor, não quer perder suas mordomias. A partir dessa posição espúria, do ponto de vista operário, passa a pregar uma ideologia que: 1º) nega os extremos, nem capitalismo e nem comunismo; (2º) apresenta de forma iluminada a possibilidade da construção de uma “terza via”, uma terceira possibilidade de sociedade do futuro - a social democracia - e, portanto, de um outro tipo de ideologia não extremista, e (3º) enfim, objetiva, pela impossibilidade da transformação racial do *socius* a perpetuação do capitalismo com outra roupagem.

A perversidade da “intelligentsia”, nada inteligente!, da Educação Física e do Esporte radica no fato de que ela está a envolver - com esta palração reformista - crianças e adolescentes no modo pensante dominante - reducionista e anacrônico, retrogradante -, consolidando no íntimo do imaginário em construção, -com esta ação pedagógica deletéria-, hábitos, condutas e atitudes, indubitavelmente, perniciosas e daninhas à construção de crianças e adolescentes “sadios” na sua totalidade corpórea, que possam assumir, num futuro próximo, o compromisso político com a real transformação social deste país.

Todavia, é preciso superar os estreitos limites das ideologias reacionária e progressista ou temporária (MANHEIM), preconizando a ideologia marxista como indispensável à geração de jovens capazes de perceberem o real, e não confundí-lo com as fantasias produzidas pela burguesia e seu séquito de alcovetos intelectuais progressistas - pequeno-burgueses.

O professor de Educação Física crítico - aquele com compromisso político explícito com a transformação revolucionária deste país (e eles são poucos!), trabalhando com os Esportes, deve ser um iconoclasta, um derrubador de falsas imagens e falsos profetas. Deverá ir para além das aparências e das rotinas pré-fixadas, redescobrir a realidade em suas raízes mais profundas, em seus fundamentos.

Sem mais delongas, o professor transformador é aquele que é capaz de romper com o monopólio da fala, do discurso que afirma o virtual sobre o fático, sobre o real; é aquele que municiado com a ciência marxista (o materialismo histórico) e a filosofia marxista-leninista (o materialismo dialético) procura resgatar utopias esquecidas, ignoradas, mas que não perderam seu brilho e suas validades históricas, apesar dos tempos conservadores!; é aquele que está a negar o “ser” em busca do “vir-a-ser”; enfim, é aquele que ainda acredita na utopia a ser construída: socialismo como etapa inicial da sociedade comunista.

Socialismo ou barbárie!

# MOVIMENTO ESTUDANTIL E ESPORTE “EM BUSCA DE UMA VISÃO DIALÉTICA”

**Marcelo Ribeiro de Castro\***

Tenho uma grande admiração e respeito pelos autores que “ousaram” escrever sobre dialética, e aprecio muito aqueles que, apesar da “moda” do neo-liberalismo, continuam no processo histórico colaborando para um mundo (família, religião, escola, política, etc), que trabalhe fundamentado no materialismo dialético, ou seja, “que trabalhe em estreita conexão com os resultados científicos e com a prática do movimento operário revolucionário”. (Martí Claret, 1985, p. 107).

Percebe-se que ao falar nos dias de hoje sobre “Movimento Estudantil e Esporte, em busca de uma visão dialética”, faz-se necessário retornar um pouco na história, para assim compreender os grandes impecilhos que ainda nos dias de hoje enfrenta-a ao falar sobre dialética, admitindo-se ainda, todo o risco de um reducionismo teórico.

Ao retornar à origem da dialética, percebe-se que desde seu advento, poucos foram os autores que arriscavam trabalhar com o contraditório. Pois como a história mostra, prevalecia-se quase sempre a concepção metafísica, visão esta que sustentava os interesses de toda classe dominante.

Segundo Gadotti (1987), “Lao Tsé, sete séculos a.c., é considerado o autor da dialética, isto, devido ao fato de ter fundamentado suas leis no princípio da contradição”. Já na Grécia Antiga, a dialética era entendida como a análise de um determinado diálogo, negando assim o seu valor e criando um novo diálogo.

No entanto, percebe-se que somente com Marx e Engel a dialética sustenta-se de uma vez por todos na história, surgindo aqui o Materialismo Dialético e o Materialismo Histórico, sendo que este último, “...vê no desenvolvimento dos bens materiais necessários à existência humana, a força primeira que determina toda a vida social...” (Claret, 1985, p.107) Surgiram ainda aqui, segundo Claret (1985), vários paradigmas que denotam as relações essenciais e as leis do mundo real; Marx os denominou como categorias. No Materialismo Dialético essas categorias são: estrutura econômica-social, forças de produção, infraestrutura, etc.

Para Gadotti (1987) a dialética de Hegel fecha-se no mundo espiritual, enquanto que a de Marx explica a evolução da matéria, da natureza e a do próprio homem.

---

\* Graduando no Curso de Educação Física-UGF e Coordenador de Relações Externas da Executiva Nacional dos Estudantes de Educação Física

Vale atentar que Aristóteles, citado por Konder (1985) considerava Zênem de Eléa, 490-430 a.c., como o fundador da dialética. Outros consideram Sócrates, 469-399 a.c., como o pai da dialética.

Segundo Konder (1985) Heráclito 540-480 a.c., foi um dos filósofos que mais contribuiu para a repercussão da dialética moderna. Heráclito considerava o conflito como o pai de todas as coisas, para ele tudo existe em constante mudança. Heráclito era tido como um filósofo desconexo, impedindo assim, uma compreensão lógica da realidade.

“Um homem não toma banho duas vezes no mesmo rio. Por quê? Porque da segunda vez não será o mesmo homem e nem estará se banhando no mesmo rio”.  
(Heraclito, citado por Konder, 1985, p.8)

Segundo Malek (1975) existe outro conceito de dialética: A Dialética Social Contemporânea, “... que situa-se na linha do historicismo crítico, à luz do Marxismo, em termo do conceito de especificidade”

A Dialética Social Contemporânea, define-se como: “o estudo da trama de interação atuantes no interior de dois grandes círculos - endógeno (classes e grupos sociais); exógeno (nações, culturas e civilizações) - constitutivas de movimento de mundo na época contemporânea, enfim agitado pelos processos de mundialização. Essa dialética é infinitamente mais rica e mais complexa, em relação a que foi concebida há um século e que se limitava apenas à luta de classes, permitiu obter um espectro muito mais extenso das ações possíveis...” Malek, 1975, p.13 e 40)

Neste sentido, Konder (1985) afirma que “na acepção moderna, a dialética compreende a realidade de forma contraditória e em constante transformação”. No entanto, percebe-se que a metafísica de Parmênides prevaleceu em todo o processo histórico; foi assim na Grécia antiga, no regime feudal, no renascimento e pode-se dizer que ainda nos dias de hoje a metafísica possui vários defensores e seguidores.

Konder, (1985), diz que “a dialética na Grécia antiga era entendida como a arte do diálogo, ou seja, desmembrar um assunto por meio de argumentos, definindo os conceitos envolvidos”. Entretanto, percebe-se através dos estudos, que o processo dialético ocorre da seguinte forma:

TESE = ANÁLISE (negação dessa tese) = ANTÍTESE = NOVA TESE.

Marx, citado por Gadotti (1987) afirma que “não existe estrada real para a ciência, e só tem probabilidade para chegar aos seus cimos luminosos, aqueles que não temem em enfrentar a canseira para galfá-los por veredas escarpadas”.

Para Gadotti (1987) “Marx foi o primeiro pesquisador a adotar de forma sistemática o método dialético”.

Faz-se necessário ponderar ainda, que a revolução Francesa (ILUMINISMO), devido as transformações e conquistas sociais, contribuiu significativamente para o avanço da dialética no processo histórico.

Parafraseando Konder, conclui-se a primeira parte desse labor, dizendo que a dialética caracteriza-se pela crítica e auto-crítica.

Quanto ao Movimento Estudantil, compreende-se que trabalhar esse movimento em busca de uma visão dialética, seria ter em seu centro a função de compreender o contexto social e até mesmo o homem, a partir do seu potencial criador e de sua concretude histórica.

Indubitavelmente, percebe-se que se faz de grande importância a participação do Movimento Estudantil à frente de toda e qualquer luta social (questões nacionais), pois foi assim, em movimentos importantíssimos da nossa história; sendo essa participação de forma organizada (entidades estudantis) ou simplesmente pela pequenina, mas tão significativa, participação de um único estudante.

A história de várias conquistas sociais no mundo, mostra-nos que a participação do Movimento Estudantil se fez de forma muito importante, chegando-se ao ponto de afirmar que, se não houvesse a participação dos estudantes muitas lutas teriam tido outro desfecho.

No entanto, percebe-se que esse mesmo Movimento Estudantil que jogou “peso” em várias conquistas da classe trabalhadora, passou e ainda passa nos dias de hoje por várias crises: da clandestinidade, da falta de uma melhor articulação com as bases, dos interesses mesquinhos de alguns grupos infiltrados no Movimento Estudantil, crise dos estudantes “excluídos” dos bancos escolares, crise das escolas que não possuem professores, entre outras. Percebe-se que fazer Movimento Estudantil nos dias de hoje, muitas vezes se torna mais difícil que no passado. Pois antes, havia um movimento unitário onde estudantes, operários, entidades civis e políticas defendiam uma única bandeira, fosse ela contra o regime militar, pela reforma agrária, pelo monopólio estatal do petróleo, etc. No entanto, hoje temos estudantes e trabalhadores contra a soberania nacional, e muitas chegam a afirmar que seria bem melhor que retornássemos ao regime militar. Será?

Observa-se que o Movimento Estudantil depara-se hoje com grandes desafios. Como alcançar um Movimento coeso e unitário se cada vez mais o filho do trabalhador é excluído dos bancos escolares? Como realizar um forte movimento, com um governo que realizou mais um corte na verba da União destinada a educação (2 bilhões de dólares) e que não tira um cruzeiro de pagamento destinado a dívida externa? Como fortalecer o movimento se temos nas salas de aula professores formados em um período onde prevalecia-se a figura do “mestre”? Período esse que trabalhava-se somente com a pedagogia liberal, pedagogia essa que muitos professores adotam até hoje em suas aulas.

“Pedagogia liberal é uma manifestação da sociedade capitalista. No Brasil, a educação tem sido marcada pelas tendências liberais baseada na doutrina do liberalismo, que surgiu como justificativa do sistema capitalista e defende a predominância da “liberdade” e os interesses individuais na sociedade. Esta vertente sustenta a idéia de que a escola deve preparar os indivíduos para agirem na sociedade de acordo com suas aptidões individuais”. (Frade, 1993)

Quanto ao Movimento Estudantil específico no terceiro grau, questiona-se: como fortalecer esse movimento se menos de 2% da população tem acesso ao curso superior? O que esperar de uma geração de alunos que possuem a sua frente professores que ainda trabalham com a tendência tecnicista, ou com a tradicional, ou outras, centrada na pedagogia liberal? Forma-se assim alunos a-políticos, a-críticos, a-históricos, ou seja, verdadeiros “idiotas especializados” (Gadotti 1987).

Percebe-se que no Movimento Estudantil que vise nos dias de hoje trabalhar com uma visão dialética, faz-se necessário mais do que nunca, um trabalho concomitante dos estudantes com sindicatos, canteiros de obras, movimento sem terra, entidades civis e políticas, associações de moradores, intelectuais, e outros órgãos comprometidos com os interesses da classe trabalhadora. Pois assim será dado um grande passo na luta em direção à uma sociedade mais justa, onde o homem não seja lobo do próprio homem, caminhando-se assim na construção de uma sociedade socialista.

Procura-se abordar na última parte desse labor, o esporte em busca de uma visão dialética, percebendo-se que o esporte foi e tem sido utilizado várias vezes como aparelho ideológico da classe dominante. Essa mesma classe, que em uma visão liberal, afirma que o esporte é o único fenômeno universal que consegue reunir pessoas de várias raças, ideologias diferentes, religiões diversas, em torno de um único objetivo (vitória a qualquer custo). No entanto, segundo Elenor Kunz, o doping e a especialização precoce são fatores cruciais para se analisar criticamente o desenvolvimento do esporte como fenômeno universal.

No segundo inciso, art.217, da Constituição de 1988, o esporte caracteriza-se em duas vertentes: Educação e Rendimento. Percebe-se que o esporte de rendimento sempre existiu amparado, vinculado, e ao mesmo tempo explorado pelos meios de comunicação de massa, servindo quase sempre como instrumento de alienação popular. Quanto ao esporte Educação, tenho várias dúvidas se existe ou existirá, um dia, em uma sociedade capitalista como a nossa, a possibilidade de não vincular-se aos interesses da classe burguesa.

Recordando-se do curso de graduação, várias vezes quanto estagiava na rede pública (com crianças que viam a escola como meio de saciar sua fome), ao traçar os objetivos do plano de aula ou de curso, o professor orientava a turma para trabalhar de acordo com a realidade dos alunos, e com isso dava como *feedbacks*, para os estagiários, objetivos como: respeitar as regras das atividades, respeitar a arbitragem, manter a ordem da atividade, vencer a competição, conduzir a bola próximo ao corpo de um cone ao outro, e vários outros.

Pergunto: nesse contexto o esporte pode ser considerado como elemento educativo? Parafraseando Bracht, esse esporte que chamam de educação, reforça a ideologia capitalista, e conseqüentemente uma educação cômoda e alienante.

Contudo, segundo Freire (1993, p.71) "...o esporte é educação para a solidariedade, para o altruísmo, para a alienação, para o sofrimento, para o gozo,... O esporte educa porque reúne num contexto denso toda a cultura humana. Quem pratica esporte, pratica cultura humana, ... É a prática da cultura do bem e do mal, do certo e do errado, da violência e da gentileza, do ódio e do amor, da paixão e da dor". Para Freire, "o esporte foi educação no campeonato mundial de 1970, para o espírito vazio de esperanças do povo brasileiro".

Foi educação na Olimpíada de 36, durante a ascensão nazista. É educação sempre que o esporte se torna conteúdo de nossas aulas de Educação Física.

Penso que todo professor comprometido com a pedagogia progressista (libertária, conflito, crítico-social dos conteúdos, etc.), antes de entrar na sala de aula ou na quadra esportiva, deve pensar se o conteúdo que irá transmitir aos seus alunos poderá ser realizado por um animal. Metafraseando Freire,

se a resposta for positiva, não devemos transmitir, pois cabe ao professor educar e não adestrar seus alunos.

Percebe-se no fim desse pequeno estudo, que o esporte Educação só ocorre, “quando deixar de ser a técnica de adestrar homens, para se tornar a técnica que permite ao homem realizar com arte, cada movimento. Quando a consciência está presente ao ato, o gesto é feito com arte. Só dessa forma pode ser entendido o esporte como prática educacional”(Valter Bracht)

Quanto a lei 56992, lei do Desporto, (Lei Zico), ao analisá-la dentro de uma ótica crítica, observa o desporto fragmentado em três conceitos: Rendimento, Educação e Participação, Mais uma vez sou levado a refletir e pergunto: Até que ponto existe esporte participação? Já não existe participação no esporte de rendimento? Já não ocorre uma participação no esporte Educação, se é que esse existe? Como compreender de maneira “não apaixonante”, mais esse princípio esportivo? Sendo assim, percebe-se que uma prática esportivo qualquer (formal ou não formal), sempre fora dotada de participação, e compreender participação como mais um princípio esportivo, é contribuir para uma concepção de esporte sustentada e amparada pela pedagogia liberal.

Espera-se que ao findar este labor, este seja fruto de novas dúvidas, e que possamos continuar unidos no árduo caminho de Movimento Estudantil e do Esporte em busca de uma visão dialética. Até a próxima.

## Referências Bibliográficas

- ABDEL-MALEK, A. A dialética social. Rio de Janeiro; Paz e terra, 1975.
- BRACHT, VI. A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... Capitalista. In: V.M Fundamentos Pedagógicos da Educação Física, Rio de Janeiro; ao livro técnico, p. 180-90.
- BRASIL. Art. 217, Constituição da República Federativa do Brasil. 05 de Outubro de 1988.
- BRASILEIRO, Comitê Olímpico. Revista Olímpica Brasileira. Ano 2, nº5, 1993.
- CASTRO, M.R. Projeto de pesquisa: “O Reconhecimento da Educação Física através da Regulamentação da profissão” Rio de Janeiro, 1993.
- FREIRE, J. B. Esporte é droga? IN: UGF, Revista de Educação Física e Desporto, Rio de Janeiro, 1993; XVI (24), 70 e 71.
- FRADE, J.C. Educação, Pedagogia e Educação Física. IN: Nota, A. F. Ensaio: Educação Física e Esporte-Volume I. Espírito Santo; UFPE, 1993.
- GADOTTI, M. Concepção Dialética da Educação: Um Estudo Introdutório. São Paulo: Cortez, 1987.
- GUIRALDE, Jr, Paulo. O que é pedagogia? São Paulo, Brailiense, 1987.
- KONDER, L. O que é Dialética? São Paulo, Abril Cultural, Brasiliense, 1985.
- MARTIN, C. O pensamento vivo de Marx. São Paulo, Martin Claret, 1985.

# III SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE MOVIMENTO ESTUDANTIL E ESPORTE

## “Em busca de uma visão dialética” (Análise Crítica)

### Educa-UFU\*

Foi realizado em Brasília (DF), nos dias 29/04/94 a 01/05/94, na Universidade de Brasília (UnB), o III SEMINÁRIO SOBRE MOVIMENTO ESTUDANTIL E ESPORTE - Em busca de uma visão dialética, garantido pela Executiva Nacional dos Estudantes de Educação Física (ExNEEF), tendo como discussões, as seguintes temáticas:

- 1- Movimento Estudantil (ME) e Esporte (Marcelo Ribeiro e Alexandre Fernandez Vaz);
- 2- A Influência da mídia na prática desportiva (Nilda Teves, Cesar F. Silva e Mário Cantarino);
- 3- Esporte e Ideologia (Máuri de Carvalho e Marcelo Guina).

No decorrer deste evento, foram também promovidas duas oficinas referentes aos temas supracitados, cujas principais questões discutidas, centraram-se em:

- 1 - Superação da concepção de esporte/movimento humano que prioriza eficiência e rendimento em prol de maior produtividade, como contributo à ideologia dominante e à manutenção da ordem estabelecida;
- 2 - Relação entre concepção de corpo/movimento humano e indústria cultural. Esta última como grande fator de sedução, tem contribuído com uma valorização do corpo mais no sentido mecânico e como instrumento a serviço do consumo, em detrimento do sentido histórico-cultural em busca de uma identidade de classe.
- 3 - Superação da ideologia dominante para possibilitar a construção e concretização de uma perspectiva popular do esporte.

Neste contexto, o Movimento Estudantil se coloca em dois níveis passíveis de intervenção: um, no sentido mais abrangente de se articular, organizadamente, com outras forças políticas existentes no movimento popular; outro, na direção do debate “interno” (Educação Física e Esporte), auxiliando no processo de discussões sobre suas perspectivas e tendências.

---

\* Escola de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia-MG.

Como desdobramento dos assuntos em pauta, estiveram em evidência a indústria cultural, a legitimidade da área e a identidade do professor.

Foi abordada a questão da imagem televisiva na construção do imaginário sobre o corpo que tem imposto desafios para a área, quanto a formação de uma consciência mais crítica. Tanto na cultura popular quanto na erudita, temos práticas corporais mais ou menos legitimadas. São exemplos, as práticas de capoeira e do futebol pelas elites hegemônicas.

O papel do professor como mediador destas práticas, sua auto-imagem como profissional, a compreensão que ele tem sobre a necessidade (ou não) da disciplina Educação Física como integrante de um projeto pedagógico, que normalmente são colocadas em cheque, foram motivos de reflexão juntamente com a competência técnica e compromisso político dos estudantes e profissionais.

Outro tema evidenciado e já comentado anteriormente, trata da propulsão da ideologia burguesa via esporte/mídia e sua possível superação. Questões puderam ser refletidas também a partir daí: A nossa sociedade permitiria a superação do modelo hegemônico de cultura corporal? O esporte seria desejável em uma sociedade socialista? A Educação Física e a Educação como um todo seriam capazes de exercerem o papel de transformação social? De qualquer modo, o professor tem importante papel como "intelectual orgânico", ou seja, aquele que contribui para dar direção às transformações sociais.

O movimento político-estudantil como um todo e em particular, na área da Educação Física, passa por um momento bastante profícuo, onde os debates a respeito de sociedade e conjuntura não se colocam de forma dissociada das questões científico-pedagógicas da área. Isso significa dizer que, ao mesmo tempo em que se discutem os problemas do sistema político e econômico do país (capitalismo) e os dilemas do socialismo a nível mundial, também se pensa a prática pedagógica no interior da escola de forma articulada.

O ME, no que se refere à direção do debate interno (um dos níveis possíveis de intervenção), tem procurado se articular com outras entidades políticas e tem buscado o diálogo com instituições científicas no âmbito da Educação Física/Esporte, como é o caso do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE). Este, é a nosso ver, o fio mais espesso que sustenta o movimento social na academia, com possibilidades de novos encaminhamentos a nível pedagógico, científico e histórico social.

Entretanto, no que tange a luta por uma construção coletiva do ME, encontramos vários atropelos, inclusive no desenvolvimento deste evento. Neste, pode-se observar dificuldades para viabilizar a construção de documentos que sintetizassem as mesas redondas e oficinas, que não puderam ser garantidas em toda a sua extensão, a saber:

- 1) A organização geral não conseguiu explicitar claramente, os objetivos das oficinas e grupos de trabalho, podendo ser uma das causas da deficiência estrutural do evento;
- 2) Estavam previstos três grupos de trabalhos que não ocorreram, acarretando prejuízos para as sistematizações das palestras e oficinas;
- 3) Houve ausência de alguns palestrantes que por motivos particulares tiveram que ser, de última hora, substituídos;

- 4) Verificou-se pouco engajamento dos participantes nos programas previsto no encontro, causando limitações num trabalho de efeito coletivo, que caracteriza o ME. Isso identifica a pouca consciência e experiência de se trabalhar nesta perspectiva, mesmo porque, uma produção coletiva, requer direção, organização, interação disciplina e um esforço muito grande da comunidade acadêmica como um todo;
- 5) Dos palestrantes que atuaram apenas dois se preocuparam, até o momento, em enviar a síntese de suas palestras e intervenções para a consecução de documentos finais;
- 6) Faltou dinâmica dos coordenadores de mesa na condução dos trabalhos, no sentido de melhor objetivar as discussões no intuito de facilitar a elaboração de possíveis documentos que pudessem retratar a essência do seminário;

Nem tudo pode ser visto como ponto negativo, pois sabemos das nossas limitações para a concretização de trabalhos construídos coletivamente, principalmente, no momento em que as universidades se encontravam em greve contra um projeto de Sociedade Neoliberal que, aos poucos vem sendo implantado.

Visando maior qualidade nos próximos encontros, propomos que aconteçam debates com maior frequência no interior de cada Centro Acadêmico, antecendo ou não, aos eventos.

Apesar de toda essa problemática citada, especificamente a sistematização do relatório, acabamos por encontrar, ao final do evento, com pessoas que se prontificaram a elaborar relatórios oriundos do evento, mesmo porque, sua realização contou com verbas públicas para sua viabilização, requerendo, portanto, um retorno à comunidade acadêmica e comunidade como um todo no que se refere aos assuntos discutidos e os encaminhamentos propostos pelos participantes.

Se o Seminário evidenciou tanta dificuldade de organização, de disciplina, de construção coletivas, o mesmo podemos dizer da comissão responsável para elaboração desse relatório. Isso significa que precisamos repensar as nossas atitudes e compromissos com a sociedade.

## **Agradecimentos:**

Professora Alda Pirollo - Universidade Estadual de Maringá (PR) que colaborou para a elaboração desse relatório.

# EXECUTIVA NACIONAL DE ESTUDANTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Gestão 95/96

## Coordenadoria Geral:

Maria do Carmo M. Pinheiro (Carminha) - UFPel

César Pimentel Figueiredo Primo - UFBA

## Coordenadoria de Ensino, Pesquisa e Extensão:

Ana Carla Dias Carvalho - UFPel

Raquel Moreira Silveira - UFPel

## Coordenadoria de Imprensa e Divulgação:

Wilson Porcaro Puga - UFES

Adriano Vieira - USP

## Coordenadoria e Finanças:

Nara Rejane Cruz de Oliveira - ESEFEGO

Emerson Martins de Carvalho - UFJF

## Comissão Organizadora do XVII ENEEF

Centro Acadêmico de Educação Física

Curso de Educação Física da UFMT

## Coordenadoria Regional I:

Coordenador Geral - Edivaldo Góis Jr. (Chaveirinho) -

UNESP, PP/Coordenadora de Comunicação - Nileidy

Venezian - PUCCamp/Coordenadora de Cultura e

Produção Acadêmica - Flávia Roberta Torezin -

ESEF, Jundiá

## Coordenadoria Regional II:

Coordenador Geral - Rafael Quintana -

UFJF/Coordenador de Cultura e Produção Acadêmica

- Ricardo Augusto de Jesus Sales -UFMG

## Coordenadoria Regional III:

Coordenadoria Geral - Ubiratan Azevedo de Menezes

- UFBA, Luiz Roberto P. de Melo Jr. - UFRN

Coordenadora de Comunicação - Maria Cícera de

Oliveira - UFAL/Coordenador de Cultura e Produção

Acadêmica - Jamerson Antônio de Almeida - UFPe

## Coordenadoria Regional IV:

Coordenador Geral - Alberico Magalhães Filho -

Coordenadora de Comunicação - Patrícia Coutinho

Nascimento - UEPa/Coordenadora de Cultura e

Produção Acadêmica - Vanilde Nazaré Barbosa da

Silva -UEPa

## Coordenadoria Regional V

Coordenador Geral - Daniel Lopes Vianna - UNB

Coordenador de Comunicação - Orlei Olavo Filemon -

UFG/Coordenador de Cultura e Produção Acadêmica

- João Batista Franco Borges -UFMT

## Coordenadoria Regional VI:

Coordenador(s) Geral - Carlos Alex Martins Soares-

UFPel, Rosane Voigt Borchardt- UFPel, Sandra

Lagaron Godinho- UFPel/Coordenadora de

Comunicação - Adriane Corrêa da Silva- UFPel

Coordenadoria de Cultura e Produção Acadêmica -

Cimara Côrrea Machado- UFPel, Ranieri Iiha- UFPel

**EXECUTIVA NACIONAL DE ESTUDANTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**COORDENADORIA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**

**ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**Pça 20 de setembro, 281 - Centro, Pelotas-RS**

**CEP 96015-360 Fone: (0532)22 3411; Fax:(0532) 22 3795**

**Apoios:**

**CAEF-UFSC**

Centro Acadêmico de Educação Física - UFSC

**CAEdF-UNB**

Centro Acadêmico de Educação Física - UnB

**PRAC-UFSC**

Pró-Reitoria de Assuntos da Comunidade Universitária - UFSC

**FME - Florianópolis**

